

DELINQUÊNCIA ACADÊMICA E PESQUISA: CRÍTICAS À UNIVERSIDADE SEGUNDO MAURÍCIO TRAGTENBERG E PEDRO DEMO

Daiza Gabrielle Correa Leal¹

Nádia Sulene Moreira Silveira²

Daniela Vanila Nakalski Benetti³

Resumo:

Este estudo buscou identificar quais as críticas que os sociólogos Pedro Demo e Maurício Tragtenberg realizaram à universidade, especialmente no que concerne ao trato da ideologia e a forma de ensinar. Para realizar o estudo, optou-se por uma pesquisa bibliográfica que contemplasse os livros dos autores pesquisados e alguns artigos científicos. No final, foi possível perceber que tanto Demo quanto Tragtenberg consideram a universidade como uma organização que possui ideologia, mas que a oculta por meio do conhecimento científico. Também, percebe-se que ela não estaria voltada para a emancipação do aluno porque não tem o estudante como centro do processo educativo.

Palavras-chave: Universidade, Ideologia, Pedro Demo, Maurício Tragtenberg, Pesquisa

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

DELINQUÊNCIA ACADÊMICA E PESQUISA: CRÍTICAS À UNIVERSIDADE SEGUNDO MAURÍCIO TRAGTENBERG E PEDRO DEMO

¹ Aluno de graduação. dgleal@alunos.unipampa.edu.br. Autor principal

² Aluno de graduação. nadasam2010@gmail.com. Co-autor

³ Docente. danielabenetti@unipampa.edu.br. Orientador



DELINQUÊNCIA ACADÊMICA E PESQUISA: CRÍTICAS À UNIVERSIDADE SEGUNDO MAURÍCIO TRAGTENBERG E PEDRO DEMO

1. INTRODUÇÃO

As universidades são instituições de ensino superior que têm recebido destaque, nos últimos anos, como promotoras de desenvolvimento socioeconômico por meio da tríade ensino, pesquisa e extensão. Diversos são os autores que questionam o papel dessas organizações e sua função social como, por exemplo, Chauí (2001), Catani (2008) e Severino (2002).

Entretanto, este estudo buscou relacionar as críticas ao papel da universidade enquanto reprodutora de uma ordem social, a partir da perspectiva adotada por Maurício Tragtenberg e Pedro Demo. Em outras palavras, apresenta-se como problemática a questão da universidade como possível instrumento mantenedor de uma ordem social, em detrimento de sua função social.

Isto significa que este tipo de instituição de ensino precisa se vincular à promoção de um aluno-pesquisador, cuja qualidade política e formal (DEMO, 2006) responderia às demandas da sociedade. A função social, portanto, está ligada a um processo de emancipação cidadã, em que o egresso precisa apresentar senso crítico melhor instrumentalizado para intervir na realidade que o cerca.

Todavia, a educação está voltada para um sistema instrucionista que não respeita o sujeito do processo educativo, nem lhe permite entender as relações de poder existentes nesse processo. Nega-se, portanto, que educar se vincula a um exercício de poder (PARO, 2014).

Neste sentido, esta pesquisa buscou elucidar a seguinte questão: **De que forma a universidade representa uma relação de poder e perpetuação da ordem social vigente no pensamento de Maurício Tragtenberg e Pedro Demo?** Para responder a esta pergunta, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, a ser explicada a seguir.

2. METODOLOGIA

Este estudo se caracterizou como uma pesquisa bibliográfica, porque Gil (2008, p. 50 e 51) argumenta que este tipo de pesquisa se desenvolve a partir de material já elaborado, especialmente livros e artigos científicos. Sendo assim, utilizou-se como fonte principal as obras “Aprender como autor”, “Pesquisa: princípio científico e educativo” e “Educar pela pesquisa” de Pedro Demo, e “Sobre educação, política e sindicalismo”, de Maurício Tragtenberg, além de alguns artigos científicos sobre a temática educação e função social da Universidade com a finalidade de elaborar um panorama da crítica destes autores ao modelo de universidade vigente no Brasil.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

A pedagogia do sociólogo Maurício Tragtenberg é conhecida como “libertária”. Gadotti (2002, p. 261) destaca que o pensamento deste autor é a representação de uma corrente e de uma ação político-pedagógica que demonstra o papel disciplinador

da escola, ao mesmo tempo que busca questionar as relações de poder nas instituições de ensino.

No que concerne à universidade, Tragtenberg (2009) reflete que ela é uma organização voltada para a dominação, onde as contradições aparecem e que não possui neutralidade. Isto significa se esconder sob uma “ideologia de saber neutro, científico, uma neutralidade cultural e um mito de saber ‘objetivo’ acima das contradições sociais” (TRAGTENBERG, 2009, p. 1, grifo no original).

Faz-se presente no pensamento do autor a ideia de que a universidade não cumpre seu verdadeiro papel social porque representa a elite por meio de um discurso libertário que, na verdade, oculta a manutenção do *status quo*.

A universidade dominante reproduz-se mesmo através dos chamados “cursos críticos”, em que o juízo professoral aparece hegemônico ante os dominados: os estudantes. Isso se realiza mediante um processo que chamarei de “contaminação”. O curso catedrático e dogmático transforma-se num curso magisterial e crítico; a crítica ideológica é feita nos chamados “cursos críticos”, que desempenham a função de tranquilizante no meio universitário. Essa apropriação da crítica pelo mandarinato universitário, mantidos os sistemas de exame, a conformidade ao programa e o controle da docilidade do estudante como alvos básicos, constitui-se numa farsa, numa fábrica de boa consciência e de delinquência acadêmica (TRAGTENBERG, 2004, p. 13, grifos no original).

Em sua pedagogia, o autor acusa a universidade de reproduzir o modo de produção capitalista de duas formas: por meio da ideologia que esconde e por meio dos alunos que forma. Ao comentar o papel desenvolvido pelos professores nesse processo, o sociólogo esclarece que os docentes supervalorizam os exames e o conformismo e ocupam a função de cão pastor (TRAGTENBERG, 2004, p. 14).

A crítica realizada por Demo (2015), por sua vez, se volta para o instrucionismo vigente na universidade. Segundo este estudioso, a pesquisa deve estar associada ao processo educativo e não o mero ensino, isto é, o pesquisador aprimora sua capacidade de argumentação a partir de um texto próprio, cultivando sua autonomia. Não é apenas com aula e provas que se forma um bom estudante, pois o melhor aluno é aquele que produz.

Logo, a pesquisa não se exaure na metodologia científica e na produção do conhecimento, mas ela apresenta um lado pedagógico eficaz (DEMO, 1996).

Ao criticar o papel que a universidade e o professor teriam em desenvolver o espírito de pesquisador no aluno, Demo (2015, p. 179-181) afirma que isto deveria ser atitude cotidiana, mas que acabou se tornando uma “farsa”. Segundo ele, a pesquisa somente inicia na pós-graduação, enquanto que um grande número de alunos (especialmente os do noturno) ficariam à mercê do argumento comum de que estudante cansado e de condição mais precária precisa é de aula.

Por outro lado, o autor ainda critica o produtivismo acadêmico indicando que a pesquisa não pode ser mero instrumento de aquisição de fontes de financiamento.

Para aprimorar a autoria docente, urge montar propostas que levem a isso, sem incidir no *produtivismo* do CNPq e CAPES, mas tornando pesquisa e elaboração o chão normal de cada dia na universidade para todos os professores. Primeiro, universidade que interessa ao futuro do país é a de pesquisa, encontrando aí a chance de postar-se à frente dos tempos. [...] Mudança essencial na vida docente é pesquisar e elaborar como condição cotidiana, não apenas quando se consegue financiamento para projeto de pesquisa, que nem sempre é o caso ou é possível (DEMO, 2015, p. 185, grifo no original).

Prosseguindo no tema professor, percebe-se que este profissional é muito cobrado pelo seu currículo acadêmico, o que também explica o produtivismo. Ainda que o histórico do pesquisador seja de fundamental relevância, percebe-se que também existe o despreparo docente diante das funções de educar. Demo (2015, p. 165) questiona o papel da avaliação argumentando que avaliar é fazer aquilo que o docente entende como adequado, isto é, “escutar aula e fazer prova, tudo perfeitamente memorizado, dentro do ritual inútil do repasse de conteúdo”. A partir desta relação, o autor reconhece a permanência da pesquisa como ato cercado de “ritos especiais, cujo acesso é reservado a poucos iluminados” (DEMO, 2006, p. 11).

Seria, portanto, prudente repensar o papel da universidade buscando fazer dela uma fonte de mudança. O raciocínio do autor vai ao encontro deste pensamento, porque nota que a pesquisa une a instrumentalidade com a cidadania, ou seja, une o saber e o mudar quando deixa de lado um discurso que, mesmo crítico, aparece desvinculado da prática (DEMO, 2006, p. 13).

Ainda, aparece nos estudos deste sociólogo a crença de que ideologia boa é a que não se esconde e que, por isto, recebe tratamento científico (DEMO, 2006, p. 28). Percebe-se que somente quando não está camuflada no meio acadêmico, ela torna-se discutível e criticável. Considerando que a pesquisa encaminha o aluno para a obtenção de qualidade política e formal, seria proveitoso que a universidade empregasse essa ferramenta para discutir qualquer forma de ideologia.

Logo, a função social da universidade começa quando ela se autocrítica, se reconstrói e coloca o aluno no centro, enquanto sujeito ativo no processo educativo. A graduação, por seu caráter instrucionista, ainda apresenta dificuldade em ser uma proposta emancipatória, mas parece que isso acontece porque a própria instituição de ensino não se critica. Sintetizando, a universidade “marcada pela noção de mudança, não consegue mudar-se: tem ótimos projetos para mudar tudo, desde que não seja mudada” (DEMO, 2012).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto até aqui, foi possível tecer um comentário sobre a conexão existente entre as críticas de Maurício Tragtenberg e Pedro Demo. Ambos autores percebem que a universidade apresenta, como qualquer outra organização, uma ideologia que, neste caso, parece favorecer a manutenção do *status quo*.

Também, parece que o professor pode ser uma ferramenta de perpetuação desse fenômeno, na medida em que ele está muito voltado para o seu papel de pesquisador e, portanto, desloca o aluno para longe do centro do processo educativo. Infere-se que os docentes podem exercer uma outra função, mais dialógica e centrada na emancipação dos estudantes, por meio da pesquisa, desde que esta última seja tratada como atitude cotidiana.

Por fim, ao apresentar um traço instrucionista na graduação, as universidades ignoram sua própria ideologia e permitem que a pesquisa não seja vista como atividade cotidiana por grande parte de seus alunos. Esse fenômeno poderia influenciar não só na qualidade do ensino, bem como, pode vir a se relacionar com a qualidade da cidadania dos egressos.

5. REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CATANI, J. A. O papel da universidade pública hoje: concepção e função. IN: **Jornal de Políticas Educacionais**, n. 4, julho-dezembro, 2008. Disponível em:<

<http://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/15023/10071>>. Acesso em> 7 de setembro de 2017.

DEMO, P. **Aprender como autor**. São Paulo: Atlas, 2015.

_____. **Educar pela Pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Universidade no século XXI**, (2012). Disponível em:< <https://docs.google.com/document/pub?id=1v2jdyAxlxqdiVmaSGkRG27WnCpCvNwi7B3nif1fhZE>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PARO, V. H. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SEVERINO, A. J. Educação e universidade: conhecimento e construção da cidadania. IN: **Interface, com., Saúde, Educ.**, vol. 6, n. 10, p. 117-124, fev. 2002. Disponível em:< <http://www.redalyc.org/html/1801/180114097015/>>. Acesso em: 7 de setembro de 2017.

TRAGTENBERG, M. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. A delinquência acadêmica. **Ponto-e-vírgula**. [online], 5, p.1-8, 2009. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/14054/10356>>. Acesso em: 20 setembro de 2017.